

FHC leva em viagem deputado acusado de fraude



Fernando Henrique, com Abrão (no fundo, de camisa branca): discursos em clima de campanha eleitoral

Presença de Pedrinho Abrão no palanque, em Goiás, constrange comitiva

ROSA COSTA
Enviada especial

ACREÚNA – O presidente Fernando Henrique Cardoso passou ontem pelo constrangimento de incluir o deputado Pedrinho Abrão (PTB-GO) entre seus convidados na viagem a Acreúna, na região sudoeste de Goiás. Abrão é acusado de exigir propina da empreiteira Andrade Gutierrez para incluir os recursos da obra da Barragem do Castanhão, no Ceará, no Orçamento da União. Seu mandato pode ser cassado pela Câmara, nos próximos dias, por falta de decoro parlamentar.

Apesar da situação desagradável, Abrão mostrou-se perfeitamente integrado à comitiva do presidente. Ele disse que não subiu no palanque armado para as autoridades na Fazenda Canadá, visitada pelo presidente, “para não ficar vermelho com o sol forte”. Mas no segundo compromisso, no Estádio Municipal de Acreúna, o deputado não apenas subiu no palanque como fez questão de ficar bem próximo de Fernando Henrique durante os discursos.

Segundo a deputada Nair Lôbo (PMDB-GO), todos os políticos que ali estavam tinham sido convidados pelo cerimonial da Presidência. Para ela, o resultado do julgamento de Abrão é imprevisível. “A Câmara é uma caixa de surpresas”, alegou. “Ninguém sabe o que pode sair dali.” A deputada considerou “normal” a presença de Abrão na comitiva. “Ele é um deputado e tem todo o direito de estar aqui”, defendeu. “Até mesmo os tribunais evitam falar em condenação quando o assunto está sub-judice.”

Abrão viajou de Brasília a Goiânia no Boeing presidencial, mas disse que não conversou com Fernando Henrique sobre o processo da cassação de seu mandato. “Esse assunto não tem nada a ver”, alegou. “Ele é o presidente da República.” O deputado disse estar convencido de que será inocentado pelos seus colegas. “Eu nunca vi o indivíduo da empreiteira”, afirmou. Segundo ele, não existem provas que possam incriminá-lo. “A acusação precisa ter suporte, e essa não vai dar em nada.”

Campanha – Os aliados políticos do presidente em Goiás transformaram a visita a Acreúna em campanha eleitoral, embora tenham tomado cuidados para não infringir a legislação eleitoral. Ninguém pediu votos. Os apelos aos eleitores foram feitos de forma indireta e ninguém especificou prazos para cumprir as promessas feitas no palanque. Fernando Henrique recusou um boné oferecido por um goiano com o logotipo do Banco do Brasil, alegando que o fato poderia ser mal-compreendido. “A Justiça Eleitoral não permite”, justificou.

Foi a primeira vez este ano que o presidente subiu num palanque com dois candidatos ao governo de coligações diferentes: de um lado, o senador Íris Rezende, da coligação encabeçada pelo PMDB, e, do outro, o deputado Roberto Balestra, da coligação que une PPB, PSDB, PFL e PTB. Fernando Henrique citou o nome de Íris ao falar dos senadores presentes, mas omitiu o de Balestra, quando fez referência aos deputados. Entre os aliados estava o ex-presidente da União Democrática Ruralista (UDR) Ronaldo Caiado, que hoje preside o PFL no Estado.

O presidente deixou claro que, quando estiver em campanha, ao contrário do que ocorreu na eleição de 1994, vai deixar de lado a imagem de intelectual que o distanciava da grande massa de eleitores. A mudança de estilo já é visível. Ele chegou para discursar anunciando que iria inverter a ordem normal dos fatos. “E a minha primeira saudação é para o povo de Goiás”, afirmou. “É para o trabalhador, a mulher, a criança e os jovens”, completou, lembrando que tem “sangue goiano”.

Também despediu-se da platéia de maneira nada habitual, deixando a comitiva para trás. “Quero apertar a mão de uma mulher, de um trabalhador e de uma criança, como se eu estivesse apertando as mãos de todos os goianos, de todas as pessoas que aqui estão.”

